

Reconhecendo os caminhos que me deixaram aqui...

Vinte pistas de uma professoralidade
construída

Rita Stano

Por que?

Traduzir em palavras as horas, os anos, o tempo imenso passado em espaços escolares não é uma tarefa fácil. Por que todo o esforço desta escrita? Não é porque penso ser minha experiência a mais digna ou mais significantes que outras experiências de outros professores e professoras. Certamente vivemos situações parecidas, momentos exigindo tomadas rápidas de decisão.

Relacionamentos com alunos/as não devem ter sido diferentes entre nós, assim como similar devem ter sido as madrugadas de planejamento, o material preparado, as inseguranças diárias e as pequenas e profundas satisfações. O que me faz me debruçar neste esforço de escrita é a necessidade de organizar o aprendido, ressignificar o vivido, redescobrir sentidos do que vivi, num exercício de me vestir de docência de tal modo que a nudez seja possível na virada da esquina.

Também escrevo em homenagem às pessoas que aprendi a amar, a admirar, a imitar. E em homenagem a outras que me tornaram mais fortes, me propiciaram um olhar mais maduro, talvez compreensivo das diferenças, das ambições, das disputas, das lutas tantas. Sim, escrevo para garantir um registro pedagógico e profissional daquilo que me permitiu a construção de uma identidade docente, de um arrazoado modo de viver, de ser, de estar no mundo. Sem a intencionalidade acadêmica, mas imersa num redemoinho de conceitos e práticas, de teorias e fazeres que ultrapassam qualquer entendimento formal. Talvez seja mesmo um jeito de sair de mim para cavar outro espaço onde este “mim” possa sobreviver.

É um mergulho nas ondas de reminiscências que surgem quando evocadas por uma palavra, por um gesto, por uma situação. Ondas que vem e vão trazendo dejetos, tesouros de outro tempo, de espaços não definidos cronologicamente.

Porque, conforme estudei lá atrás, a professoralidade está nas profundezas de uma certa vida docente, perfazendo comportamento, sentimento, modo de olhar. Uma professoralidade que nos acompanha mesmo quando fora de escola estivermos. Num tempo de aposentadoria, o ser-professor continua colorindo nossas vestes, definindo leituras, escolhendo caminhos.

Venha comigo neste percurso afetivo, porque profissional. Será prazer, será saudade, será incerteza, mas será o indescritível possibilitado pelas palavras.

Professora Rita

Estar no aposento: aposentada

Aposentar é como habitar um espaço há muito esquecido. Aquele sótão, cheio de lembranças, de coisas que se guardam para não serem rejeitadas e tornadas dejetos. Aposentar é ali visitar a si mesmo. Meu sótão é um pouco assim. Feito de armários e cadeiras e sofá. Livros, tantos! Quadros, carregados de histórias e que nada combinam entre si. Habitar este sótão é um exercício mesmo de coragem. Coragem para revisitar o que você foi lá, nos seus começos e nos seus meios. É fazer novamente presentes pessoas e prazeres, dores e mágoas. Lembranças colocadas em caixinhas, antes tão exibidas e hoje quase esquecidas. No sótão, estão pedaços de muitas aulas dadas, de testemunhos de alunos que já nem sei os caminhos. Ali tem fragmentos de saudade de um tempo em que pequenos projetos tinham ares de vitória. E há outros planos, encadernados e emudecidos em suas próprias abstrações.

Releio anotações avulsas, perdidas num calendário outro que, por alguma importância, foram preservados. Como sementes, talvez. Á espera de serem regadas, reavivadas.

Muitos são os cadernos...

De planos de aula, de observações registradas sobre apresentações de alunos. Outros cadernos são registros de reuniões, de planejamentos, tantos, feitos com outras e diferentes pessoas. Me pego folheando estes diários de profissão e ainda consigo me encantar com tantos sonhos, tantas e interessantes sacadas. Sacadas que agora me fazem debruçar para me refazer a passagem, admirando o traçado, evocando gratidão.

O sótão, acima de quartos e salas está, de alguma forma acima, também, de meus diminutos dias. Dias em que, passando pelo sótão, ficam mais amplos, colorem-se em lembranças.

Tem pastas, muitas pastas com recortes de jornais, com textos motivacionais. São pastas pretas e a elas eu recorria para aquecer um assunto, iniciar uma palestra, alimentar minha linguagem para um falar poetizado.

Tem agendas de vários anos. Tenho dificuldade em me desfazer delas. Acho que tenho é medo de jogar fora, junto, o que vivi.

Temo que me escape os sentidos do que vivi e que carrego comigo. Encontro aqui cartões de pessoas dizendo do apreço que tem por mim. Objetos, diversos, presenteados. Cds, bonequinhas, porta-treco, canetas, lembranças de viagens. Aqui se testemunha um certo viver e tantos que ficaram(porque foram) de minha vida.

Aqui, a disposição de coisas e móveis é escolha minha. E vou ajeitando, modificando, reagrupando frases, livros, cadernos de acordo com o que traço nas lembranças.

Sótão, tão meu! Aposento em que mergulho um arremate que não consigo terminar. Talvez seja isto a aposentadoria: arremate que jamais chega em um acabamento final.

A incapacidade sentida...

Terminei minhas atividades como professora voltando ao começo, quando, como tantas outras crianças, organizava e dava aulas (naquela época o termo era mesmo este) para Lindoca, Toquinho, Joãozinho e Maria às noites, junto a um quadro-de-giz, na cozinha da casa. Repetia para a turma, a forma de explicar e os exercícios que D. Paulina repassa todos os dias para crianças de 7 anos de uma escola pública de elite, nos anos 70.

Eram aulas afetuosas, de muita história e imagens, em que as letras e os números se revezavam em atenção. Ali fui me experimentando na docência, exercendo autoridade, sentindo gosto pelo controle do processo de ensino-aprendizagem. (1)

PISTA DE PROFESSORALIDADE 1

□ Docência é se experimentar no ato de compartilhar o que se sabe; □ A aula é como uma cozinha que se sacraliza por uma ousadia de profanação.

Anos depois, no começo da adolescência, assistia minha irmã realizar as tarefas em álbuns, em leituras e escritas de seu curso de Normal em que ela, aluna, parecia anunciar que seria professora, como nossa mãe.

Seguindo o gosto, ingressei também num Curso Normal, na mesma escola pública em que já estava. Ali aprendi fundamentos do aprender, métodos de ensinar matemática, ciências, inquirições filosóficas e traçado de letras.

Aprendi os diversos métodos de alfabetização, os passos didáticos e as etapas do desenvolvimento infantil. Ali o prazer de aprender e a vastidão dos estudos foram sendo incorporados numa avidez de saber infinito. (2)

PISTA DE PROFESSORALIDADE- II

□ Freireanamente, a professoralidade exige estudo, reflexão, cuidado com os detalhes. □ Ser professor supõe fundamentar-se no Outro.

Certa tarde, após chegada da escola, sou chamada, com urgência para substituir uma professora de pré-primário(era assim mesmo que se denominava) que havia passado mal, numa escola perto de minha casa. Entusiasmada, aluna de 2º ano de magistério, atendi o chamado e fui, carregada de vontade de lidar com crianças reais. Um fiasco. Me mostraram um armário cheio de materiais e um grupo de crianças curiosas, cheias de vida e de animação. Tentei uma primeira atividade com pinces e folhas de sulfite. O burburinho ininterrupto da classe, a ausência de sedução da própria atividade e minha própria, foi evidente. Parti para outra atividade, daquelas que eu dava para minha turminha de boneca (de ligar palavra à imagem) e via as crianças se desinteressarem de mim, da atividade. Fui me desesperando e pior foi quando uma criança sugeriu que a gente cantasse. Eu não conhecia nenhuma música. E foi aí que eu desisti, chamei a diretora, pedi desculpas, disse que estava me sentindo mal (talvez estivesse mesmo) e saí literalmente correndo daquela sala e daquela escola.

Corri literalmente de mim, de minha incapacidade de controlar e entreter crianças de 5/6 anos. Ali percebi que não estava preparada, que eu jamais seria uma boa professora. Mergulhei ainda mais em estudos teóricos, na busca de ser melhor, de me sentir menos incompetente para, lá na frente, assumir o magistério.

Passei pelos estágios e neles me senti mais segura, já que o trabalho se dava com alunos/as do 1º ao 4º ano. Mais velhos que aquelas crianças exigentes daquele dia fatídico em que minha incapacidade docente se revelou. Dois anos depois, formada, consigo, corajosamente, uma turma de 2º ano primário de uma escola pública para trabalhar. Tornei-me regente de classe, com holerite ao final do mês e professora de 30 meninos e meninas(3).

PISTA DE PROFESSORALIDADE- III

O Magistério é um exercício diário que acontece aos poucos, entre o fazer e o saber, desencadeando outros saberes e outros fazeres; □ Encontrar o seu lugar na escola, fazê-lo seu, como habitação de sua docência, é construção e descoberta, escolha e caminho.

Ninguém me disse que minha formação como professora ainda não estava completa. Ninguém me ensinou a lidar com meus tantos não-saberes cotidianos na escola.

Como apresentar um assunto? Como me assegurar de que o que eu planejava daria tempo? Como acalmar as crianças depois do recreio? As tarefas que eu definia, eram suficientes? Como corrigir 20 cadernos ao mesmo tempo em que dava aulas? O que dizer numa reunião de pais?

Questões pequenas, mas importantes para uma iniciante carregada de teoria e esvaziada ainda de prática, de jogo de cintura para tornar o trabalho bem organizado, de alguma forma leve e eficaz.

Observava minhas colegas, professoras experientes e tentava aprender com elas. Quando me apresentei na escola, na primeira reunião, ouvi da professora da turma do ano anterior, informações de cada aluno, de cada aluna, os que eram considerados os melhores, os mais avessos aos estudos, os problemáticos, as famílias que apoiavam ou não. Fiquei assustada porque não sabia que as professoras construía registros nem sempre positivos do corpo discente.

E pensei que eu faria diferente, que minha atuação desnudaria esses pré-conceitos e que favoreceria o avanço do aprendizado sem problema algum interferindo. (4)

PISTA DE PROFESSORALIDADE- IV

□ A docência, no cotidiano, indaga, compartilha, busca singularidade; □ O cotidiano escolar deve ser lido, relido, revigorado com o diálogo constante entre seus pares.

Foram 2 anos de muito aprendizado. Menos aprendizado pedagógico e mais aprendizado acerca de minha performance como professora. E isto me foi comprovado quando, muitos anos depois, meu marido deu carona para um moço que trabalhava com ele e ao olhar para ele, reconheci aqueles olhos ternos, o jeito meio tímido. Esperei um pouco na esperança que ele me reconhecesse e como não aconteceu, eu arrisquei perguntar se ele não se lembrava de mim. Tenho em mim a indagação de rosto que me fez, se forçando a lembrar e não conseguindo.

Até hoje evoco com facilidade minha professora de 2ª série, D. Esperança. Aquele aluno não conseguiu se lembrar de sua professora de 2ª série. Porque não deixou marcas, porque não foi importante de alguma forma, em termos de experiências somadas aos seus anos de escolaridade.

Ali comprovei minha insuficiência como regente de classe. Na ausência do reconhecimento daquele aluno e no incômodo que me provocou, tantos anos depois.

Talvez aí estivesse a confirmação de minha busca formativa mais avançada que me proporcionasse uma competência para trabalhar no ensino superior, com adultos. (5)

PISTA DE PROFESSORALIDADE- V

□ Há que se construir um modo de ser professor para jamais ser esquecido pelos alunos; □ Necessidade de mergulhar nas aulas e no seu tempo, reafirmando o tempo sagrado de ensinar e de aprender.

Refletindo estes 2 anos de trabalho diário em sala de aula do Fundamental 1 (como atualmente é denominado) pontuo alguns elementos que circundam a minha experiência pouco exitosa:

a) formação rápida e insuficiente para assumir a regência de uma turma. Tal formação deveria ser obrigatoriamente até o ensino superior para depois ser possível assumir uma sala de aula;

b) imaturidade (eu tinha 17 anos) para lidar com a responsabilidade imensa de garantir o aprendizado de um coletivo de alunos;

c) ausência de prática de ensino supervisionada no decorrer da formação;

d) ausência de especialistas junto ao trabalho pedagógico de professoras iniciantes;

e) fraco caráter coletivo de planejamento e realização de atividades pedagógicas na escola dos anos iniciais, dificultando um trabalho interdisciplinar e articulado ao projeto pedagógico vigente.

Mulheres em alinhavo

Por três anos fui responsável pela disciplina de Fundamentos da Educação II no Curso de Magistério. O mesmo que me formou, na mesma escola em que estive como aluna nos primeiros 9 anos de escolaridade. Voltar formada, pisando o mesmo chão, como professora, ainda com pouca idade (uns 22 anos eu tinha) foi assustador e, ao mesmo tempo, um imenso prazer. Sentia orgulho em sair todos os dias de manhã, atravessar a ponte e o portão da escola como professora de futuras professoras. Eram 3 turmas de 1º, 2º e 3º anos, repleta de alunas, adolescentes a maioria, ávidas de leituras, de discussões, de reflexões.

Com estas turmas fui me fazendo mais professora, buscando formas vívidas de trabalhar o conteúdo, utilizando material diversificado para trabalhar conceitos inseridos nos estudos de desenvolvimento da infância, processo de aprendizagem, relações interpessoais.

As aulas, dinâmicas, pareciam aproximar mais umas das outras porque pairava uma cumplicidade nunca dita, mas sentida. Aos poucos, instalou-se uma relação de confiança e de amparo e ali fomos entrelaçando a docência, a discência com a vida mesma, ordinária de cada uma. Ali aprendi a importância de estudar cada vez mais, o valor de aproximar o saber dos saberes construídos pela imprecisão das vidas.(6)

PISTA DE PROFESSORALIDADE- VI

□ Ensinar supõe transformar o seu saber numa luminária, que te alimenta com brilho, te apreende na criação de outras e diferentes maneiras de provocar, no outro, significados.

Ali descobri a o risco das palavras ditas e outras, não-ditas, que muitas vezes, a docência deixa escapar. Foi ali que um dia, entrei em uma turma e encontrei uma aluna chorando e sendo consolada pelas outras. O que havia acontecido? Numa apresentação de trabalho em equipe, uma aluna se sentiu ofendida por uma professora que a avaliou, dizendo que ela não serviria para ser professora. Que ela deveria ser cozinheira ou buscar outra atividade longe da sala de aula.

Foi um desafio para mim. Primeiro, tive que lidar com aquele momento sem ferir a ética, me colocando como julgadora da professora em questão. Segundo, tentei consolá-la, no sentido de incentivá-la a assumir aquela dor, como motivo para seguir em frente como aluna e estudiosa. Nem sempre as aulas são estanques umas das outras. Muitas vezes, se mesclam, se fundem e nos confundem. É preciso atentar para as frágeis paredes que separam as salas, as pessoas, os sonhos e as expectativas. (7)

PISTA DE PROFESSORALIDADE- VII

□ A professoralidade é um modo de cuidar do outro em suas fragilidades, seus desatinos e em sua autoestima. É cuidar da curiosidade, da coragem de querer-saber. □ Há imprevisibilidade no cotidiano das aulas e não haverá manual para seguir. □ Professorar é acionar seus mecanismos de escuta do outro, do ambiente e de si mesmo.

Ali, aprendi, um pouco, os riscos e as delicadezas que fazem parte de todo e qualquer processo avaliativo. Porque avaliar o outro sem critério definido, não é avaliar. Pode resvalar para imprimir preconceitos, antipatias, subjetividades enviesadas que não cabem no processo educativo.

Aprendi o impacto que nossas palavras, nossos gestos podem ter no outro. (8)

PISTA DE PROFESSORALIDADE- VIII

- Ser docente é imprimir às palavras o desnudamento do mundo de um modo delicado, amoroso, cuidadoso.
 - Avaliar o aprendizado do outro é muito mais deslizar o olhar sobre o seu processo de bem-ensinar.
-

Anos depois, quando eu estava como docente no ensino superior, me deparei novamente com esta aluna, no curso de Pedagogia. Depois, mais alguns anos e, num curso de MBA, a reencontro ali, envolvida com a educação infantil. E jamais esquecerei o que ela me disse: “estou aqui para provar para aquela professora que eu posso ser o que eu quiser e o que eu quero é trabalhar e ter sucesso na área da Educação”.

Penso que sua luta é por provar a si mesma sua capacidade, tão maculada lá atrás, por um modo torto de se ser professor. Este percurso pelo Curso de Magistério me preparou para outros passos e me afastou de outros. Exercia a docência de manhã e às noites, e às tardes era agora Supervisora Escolar no Fundamental I de escola pública também.

Por 3 anos aprendi a pensar a educação com outras especialistas, projetando atividades para professoras de 1ª a 4ª série, sem perceber que tirava delas a autonomia necessária para desenvolver atividades pedagógicas próprias. Havia uma arrogância em definir o que fazer pedagogicamente e os estudos efetuados no decorrer destes 3 anos se limitaram ao grupo de especialistas da escola.

Vivi o taylorismo em educação, segmentando o planejamento da execução e da avaliação. Minha docência estava em construção e a teorização acerca das práticas na gestão pedagógica ainda não eram suficientes para uma postura democrática, reflexiva e coletiva no processo educativo. Pensando esta fase, sem buscar justificativas fáceis, aponto que talvez seja por não ter ainda descoberto a obra de Paulo Freire, me faltou, na época, Pedagogia do Oprimido. (9)

PISTA DE PROFESSORALIDADE- IX

□ O trabalho docente é uma obra construída cotidianamente num modo inevitavelmente relacional entre teoria e prática, planejando, executando e avaliando. □ Por isto, não cabe na Educação a taylorização do trabalho pedagógico. Há que se garantir interlocução com a teoria para iluminar as práticas de ensino.

Foi na esteira de um saber-fazer em construção que me embrenhei em projetos educacionais surgidos da vontade de fazer diferença.

E a diferença veio na conjugação entre educação e velhice, considerando um cenário que se avistava no Brasil quanto ao envelhecimento da população e a quase total ausência de políticas públicas acerca do tema.

Movida pelo susto de ver minha mãe, aos 75 anos, caminhando para uma depressão sem volta que me indaguei e me cobrei sobre o sentido que tinha todos os estudos que eu fazia sobre educação se não chegavam no dia a dia, nas vidas que estavam a minha volta. Na própria vida de minha mãe. (10)

PISTA DE PROFESSORALIDADE- X

□ Projetos em educação tem como base a subjetivação do que vivemos, os significados que elaboramos ao caminhar nesta estrada. Projetos impostos não cabem nos sonhos de todos os sujeitos envolvidos neles. □ Conhecimento trabalhado nos currículos supõe contribuição para o bem-viver do outro. Não para aprisionar, mas para libertar e ampliar visão de mundo.

Educação Continuada para a Terceira Idade, a ECONTI, nasce nos anos 90 como um dos primeiros projetos do Estado de Minas Gerais tendo como foco a velhice sob os fundamentos freireanos, numa abordagem transdisciplinar, em forma de oficinas com vistas a um retomar de projeto de vida de homens e mulheres acima de 65 anos.

Foram anos e anos de muito aprendizado, em que o currículo era criado pelo próprio grupo de aposentados/as, donas de casa, avós e avôs, viúvos e viúvas revendo conceitos, conhecendo outros mundos e suas outras possibilidades. (11)

PISTA DE PROFESSORALIDADE- XI

□ Quando se constrói um currículo, não como determinação alhures, mas como um compromisso coletivo de seus sujeitos, tem-se um percurso formativo com significado, afeto e integralidade.

A ECONTI tornou-se espaço de experimentações de procedimentos didáticos, de conteúdos curriculares fora dos padrões escolares. Foi também lugar de novos profissionais de outras áreas desenvolverem um trabalho na docência, como artistas plásticos, atores/atrizes, treinadores/as físicos, esotéricos/as, músicos/as. Ali foi um espaço de lançamento de talentos, de desdobramentos de outros projetos como teatro, coral, ateliês, conselhos municipais.

Desenvolvida no âmbito do ensino superior, a ECONTI configurou-se na ultrapassagem de seus muros, ocupando praças, ruas, palcos e outras instituições universitárias. Sim, ali aprendi a importância da gestão compartilhada, da força do grupo de alunos/as e sua participação na avaliação e definição de atividades, de oficinas. Ali apreendi a maneira como os sentimentos se mesclam com os elementos cognitivos do aprendizado de alunos/as e professores/as.

Ali o sentido do pertencimento revelou-se necessário para o sucesso de qualquer ato educativo. Foram 24 anos de experiência, de perdas, de somatório de amizades e cuidados, de aprendizado e de renúncias, de esperanças e alegrias. E foi deste trabalho que se deu origem para o Mestrado e Doutorado que se seguiram. (12)

Quando o acaso ou o destino me levou para a universidade pública, levei a ECONTI e lá o projeto continuou, junto com o meu estranhamento em trabalhar agora na formação de engenheiros e não de professores. Levei meus saberes sobre educação para pensar a Engenharia, imprimindo num espaço pouco afeito à Pedagogia, aspectos pedagógicos para um fazer docente possível. Maioria de homens na docência e nas carteiras das salas de aula, tornaram-se um desafio para a pedagoga que eu era.

PISTA DE PROFESSORALIDADE- XII

□ Gestão compartilhada de uma proposta educacional é uma dinâmica que ultrapassa os muros, subverte ações e efetiva laços epistemológicos;

□ É quando a professoralidade está em cada sujeito envolvido no processo educacional, em que todos ensinam e sempre se aprende.

Então, por quase 10 anos, fui docente na faculdade em que recebi minha formação em Pedagogia e Supervisão Escolar e, mais tarde, fiz especialização em Docência do Ensino Superior. Passei pelos corredores como aluna e, depois, como professora de Psicologia da Educação nos cursos de Pedagogia e nas Licenciaturas de Letras, História e Matemática. Ali me embrenhei num aprendizado intenso, significativo e provocador da arte e da ciência de ser professora. Foram anos de projetos, como a ECONTI, mas não só, em que inspirava-me nas antigas e eternas grandes mestres que tive, para materializar feiras, congressos, encontros de práticas e leituras críticas acerca da educação. Foram anos de importantes feitos para a construção de minha professoralidade, para além da sala de aula. Coordenar um colégio de aplicação foi um desafio e me ensinou a relevância da seleção criteriosa de professores, a necessária experiência de trabalho coletivo e compartilhado de gestão.

Acompanhar o Curso de Pedagogia, como coordenadora me possibilitou vivenciar o outro lado do currículo, não feito apenas de disciplinas e programas curriculares, mas o lado da gestão, da relação com uma rede de poder que sustentava a instituição em suas possibilidades e limitações orçamentárias.

Um aprendizado intangível acerca das profundezas institucionais que faziam da Educação formação, direito e necessidade.

As lutas mais que acadêmicas

Muitas foram as esquinas que exigiram coragem, discernimento e recolocação como profissional ligada às Humanas numa universidade singularmente formadora de engenheiros. Lá cheguei, mais por necessidade e única opção após ter sido demitida da faculdade privada, sem justa causa. Penso que não mais interessava aquela instituição por estar terminando um doutorado que aumentaria as despesas comigo. Quando fui saída, deixei 3 cargos: professora de Psicologia da Educação nos cursos de engenharia, coordenadora do curso de pedagogia e coordenadora do Colégio de Aplicação. Me vi, de repente, com 2 filhos e necessitando trabalhar para ajudar na manutenção da casa. Imediatamente, uns 15 dias depois, fico sabendo que havia um concurso na Universidade Federal para professor substituto para a disciplina Ciências Humanas e Sociais, obrigatória para os cursos de engenharia. Munida de coragem e esvaziada de vontade, fiz o concurso e assumi, um mês depois, tais aulas.

Um outro mundo de trabalho se descortinou para mim. Ali eu tinha uma sala/gabinete só para mim, o número de aulas era metade da carga-horária que eu estava acostumada e outras atividades começaram a surgir como orientação, produção de artigos, atendimento a alunos.

Não era mais uma professora horista. Lembro que nas primeiras semanas, eu entrava em minha sala, fechava a porta (porque todos os outros professores também mantinham suas salas fechadas) e chorava, me sentindo só e inútil com meus saberes na área da educação.

Parecia que naquele espaço, eles não faziam mais sentido, apesar de estarem incrustados em mim. Ia à sala do café e me percebi rindo de piadas que eu não achava graça, descobri que não existia um banheiro feminino funcionando no corredor(era a única professora do instituto naquele momento).

Um banheiro todo cor de rosa havia sido transformado em almojarifado. Me assustei, porque as secretárias eram mulheres e elas tinham que descer uma escada e usarem o banheiro feminino do corredor das salas de aula. Mas, como hierarquia era importante naquele espaço, logo o tal banheiro cor de rosa foi esvaziado e arrumado para uso da professora Rita. Só este episódio já me mostrou que não seria muito fácil percorrer a minha profissão calcada na Pedagogia como docente num espaço completamente dominado pelo discurso, pela presença e pela autoridade masculina.(13)

PISTA DE PROFESSORALIDADE-XIII

□ O cotidiano escolar é povoado por modos masculino e feminino de ser e de fazer a docência. São complementares e é aí que há sustentação de uma certa singularidade que cria e recria o processo educacional.

A primeira reunião que participei, como integrante de uma determinada comissão, mostrou-me a necessidade de me colocar como profissional.

Composta por homens-engenheiros, fui, logo no início, convocada a fazer a ata, afinal eu era “mulher”.

Ali me posicionei e disse que “exatamente por ser mulher, não iria fazer a ata”. Entre risos de estranhamento, foi-se construindo a imagem de uma professora brava, que não se submetia fácil aos rituais da instituição, porque tive que escolher ser forte e determinada para não sucumbir aos ditames de décadas e décadas de subserviência aos que representavam o machismo impregnado nas ciências exatas. Sei que naquele momento iniciei um processo de resistência e constante questionamento acerca de tantas decisões, de inúmeros discursos disfarçados e atos arbitrários relacionados ao gênero.

Interessante quando tive a oportunidade de orientar uma pesquisa, dos inúmeros trabalhos de final de curso, sobre “Mulheres na Engenharia”. Porque para se chegar a um tema para estudar, sempre fiz o aluno pensar naquilo que o instiga, o incomoda a fim de garantir que o trabalho seja interessante para quem o faz. Então, minha aluna, que estava no último ano de engenharia, ainda nos anos 2000, estava fazendo estágio em uma plataforma de mestrado.

A partir de uma foto dela, de macacão e capacete, iniciamos o projeto com algumas perguntas que ela se fazia todo o tempo enquanto estagiária, única mulher naquele espaço. A partir das perguntas, muitas leituras e conversas foram feitas acerca das dificuldades e percalços das mulheres em profissões marcadas pela presença masculina. Ali a questão de gênero foi sendo também estudada por outras alunas de engenharia, dando forma a um grupo de pesquisa.

Um dos resultados destes 3 anos de estudo e pesquisa e alguns trabalhos de final de curso, foi um prêmio que uma das alunas-pesquisadoras recebeu de uma multinacional exatamente pelo seu trabalho acerca do tema.

Um tema que ultrapassou o teórico e que resultou em diversos e pequenos movimentos de alunas na própria universidade como o kit para mulheres que passou a ser disponibilizado nos banheiros femininos dos prédios do campus, fornecendo absorventes, algodão, lenços umedecidos etc. (14)

PISTA DE PROFESSORALIDADE- XIV

□ Existem questões epistemológicas que definem caminhos de pesquisa, olhar inquiridor e uma lógica própria a cada área do conhecimento. Reconhecer tais diferenças é fundamental para a elaboração de indagações acerca do real.

Estes estudos sobre gênero me ajudaram a fortalecer meu papel naquele lugar como professora e pesquisadora da área de Humanas, pensando como podemos ser condescendentes ou questionadoras de um conjunto de rituais e de modos de convivência tão arraigados e normalizados por décadas de exclusividade masculina na academia.

Aos poucos, os colegas foram percebendo que as piadas contadas em sala de aula tinham que ser diferentes pela presença de alunas agora em maior ou menor número nas Engenharias. Desconstrução necessária de valores que não mais se adaptavam num mundo em que as mulheres foram lutando por ocupar. (15)

PISTA DE PROFESSORALIDADE- XV

A professoralidade se consolida em seu locus de trabalho à medida em que se realiza um exercício axiológico permanente. Inquietar-se frente ao incômodo das relações, inquirir, dialogar seus pares como parte de um estar-sendo professor.

Outra conquista importante que vale ser registrada e que eu sempre me lembro com orgulho foi quando uma pesquisa de Iniciação Científica sobre Representações Sociais, realizada por um aluno da Engenharia Ambiental ganhou prêmio como melhor pesquisa daquele ano. Foi um modo de começar a dar visibilidade às Humanas num terreno dominado pelas Exatas e Aplicadas.

Assim, paulatinamente me senti como minhoca, cavando entradas, demarcando território, criando um nicho de construção de conhecimentos numa linguagem outra às que eram faladas e escritas há um século naquela instituição. Foi mesmo uma construção de caminho por meio de conquistas pequenas, porém significativas. Aos poucos buscavam algum parecer pedagógico ou a elaboração de algum documento exigido pela SeSu e então, fui adentrando na dinâmica mesma da organização da universidade até culminar com o cargo de pró-reitora adjunta de Graduação.

Ali identifiquei a força dos anos de estudantes que forma engenheiros que se desdobram professores, sem o conhecimento específico da docência. Ali apreendi a resistência de muitos professores quanto ao exercício de refletir sobre a prática de ensino e de conhecer o processo de avaliação para além da prova. Ali, muitas vezes, percebi o incômodo de muitos à função que eu exercia, quando negavam ser recebidos por mim e não pelo pró-reitor, quando desconsideravam minhas análises e quando faltavam aos encontros da Oficina.

Foram 4 anos de aprendizado do que eu havia estudado na teoria sobre relação de gênero, sobre as forças diversas das áreas de conhecimento e sobre a dificuldade de me sentir continuamente menos capaz frente a tanta lógica e estatística.(16)

PISTA DE PROFESSORALIDADE-XVI

□ Há um alargamento da professoralidade que, paulatinamente, construída que ultrapassa o exercício da docência em sala de aula; □ A politicidade docente se presentifica também em funções correlatas à docência como orientação de pesquisa, coordenação de curso. É aí que há a oportunidade do compartilhamento epistêmico e a renovação de procedimentos de gestão.

Então, veio o Programa de Reestruturação Acadêmica – O Reuni, do governo petista, oportunizando a ampliação da universidade com a criação de cursos, aumento de vagas, ocupação do espaço noturno da universidade. Participei na discussão e na elaboração de um extenso e detalhado documento em 4 meses de trabalho intenso. Ali estava a oportunidade de criar cursos na área de Humanas, porém, por interesse de fortalecer e aproveitar laboratórios e infraestrutura renovada, criaram-se diversos outros cursos de engenharia e afins. Entretanto, como a própria SeSu exigia a criação de cursos de Licenciatura, foram criados os de Ciências Biológicas, Química e Matemática, houve um avanço e uma promessa.

Seria por ali, pela Educação como área de conhecimento, que aquela instituição poderia avançar e os desdobramentos vieram com cursos de especialização na formação de professores via Universidade Aberta do Brasil e curso de Mestrado na área de ensino de Ciências.

Esta ampliação, por mais de 5 anos trouxe para a universidade profissionais da educação, com formação vinculada às Ciências Humanas. Eu não estava mais só e isto resultou em um conjunto crescente de projetos de formação continuada, de projetos de extensão que foram modificando o campus, as relações entre docentes e p próprio jogo de forças entre seus sujeitos.

Anos profícuos, momentos importantes foram cravados na história centenária daquela universidade. Muitos arranhões foram também deixando suas marcas em mim. A minha incapacidade constante de demonstrar a lógica própria das pesquisas em Ciências humanas e, por isto, a necessidade de regras de pós-graduação menos engessadas em um único modelo.

Foi quando um projeto de curso de mestrado elaborado pelo grupo de docentes das Humanas foi rejeitado e ali eu ouvi de um colega e chefe a vergonha que ele disse ter de mim e de minha incapacidade de aceitar as regras (regras dos cursos das Engenharias). Profundamente impactada fui afastada do planejamento do curso e dois colegas da área o assumiram e me afastaram da elaboração do mesmo, apresentando uma proposta formatada conforme foi definido. Controle e ingerência, descompromisso com o outro e com a própria área de conhecimento. Reconheci que precisava me afastar um pouco de um lugar que estava me contaminando, me deixando propensa a mais choro que riso, a mais desprazer do que de prazer em fazer o que tinha que fazer. Empenhei-me neste afastamento e consegui ser aceita para um pós-doutoramento em Portugal, na busca de respostas às perguntas que tanto me fiz durante a gestão na Pró-reitoria de Graduação. E, assim, coloquei na bagagem minhas frustrações, minha sensação de solidão, rumei para Braga, Universidade do Minho.

Lá efetuei uma pesquisa densa sobre prática docente de engenheiros em 3 grandes universidades portuguesas e a comparação com a universidade pública brasileira.

Lá, percebi que a academia, de maneira geral e, talvez, o mundo do trabalho, em especial, não eram lugares de se ser feliz e não podiam se resumir à vida toda de alguém.

Lá me reorganizei em termos teóricos, mergulhei no emaranhado de meus sentimentos e tive a Literatura como minha companheira de entendimento do que eu era, do que queria, de meus sonhos. (17)

PISTA DE PROFESSORALIDADE- XVII

□ Faz parte do exercício de qualquer profissão, a necessidade do sujeito se afastar de tempos em tempos a fim de redimensionar posturas, ações/visão e lutas. Como um período sabático em busca de reordenação teórico-prática.

Foram 7 meses resgatando meus dentro, minhas pequenas e frágeis necessidades. Escrevi muito, li outro tanto e fiz de meus passos, encontros comigo. De volta, com as feridas bem sequinhas, retomo minha lida docente, compartilho a pesquisa, volto a coordenar a equipe de ensino a distância dos cursos de especialização que oferecíamos pela Universidade Aberta do Brasil desde 2007. Não consigo me manter imparcial frente às injustiças e aos desmandos quando eles surgem. Talvez este seja meu maior defeito e, talvez, seja mesmo a minha sina. Mais à frente, o grupo de docentes responsável pela disciplina de Comunicação e Expressão, obrigatória na grade curricular de todos os cursos de Engenharia.

As docentes viram-se sem Instituto, sem departamento, destituídas da participação nas tomadas de decisão coletiva da instituição, porque não mais participavam de assembleias por não pertencerem a nenhum órgão colegiado.

Tal rejeição institucional podia ser identificada pela mudança de prédio, de gabinete docente, quando foram removidas para uma parte isolada e quase escondida de um prédio do campus. Viram-se sozinhas, apartadas da dinâmica de grupos de professores das diversas áreas. Uma situação incomum, destituída de legalidade, em que as professoras se viram desamparadas e desconsideradas pela instituição. Alguns colegas se indignaram, mas nenhum se posicionou.

Então, em minha sede de justiça agi, escrevendo ofícios, solicitando solução, indignada com a situação. A professora do contra, aquela que gosta de discutir, a que tem coragem. Mais uma vez me percebo sozinha numa luta que deveria ser de todos, frente a um momento em que colegas estavam sendo apartadas de seus direitos como docentes.

Sei que meu posicionamento incomodou diferentes níveis da gestão. Sei que algumas relações se esgarçaram por conta disso. E também sei que outras relações tomaram uma outra dimensão. Dimensão que não consigo qualificar. Apenas que se tornaram diferentes. Na distância dos acontecimentos, hoje sei que assumi lutas que poderia não ter assumido, por não serem diretamente concernentes a mim. Porém, cada vez que me lembro delas, sei que fiz o que acreditei que deveria ser o certo, o justo, o inescapável.

Posso ter perdido a chance de caminhar sem percalços, mas, escolhi o caminho mais bonito. Um caminho que me ensinou os passos mais duros, as curvas mais sinuosas. Por este caminho segui todo o meu percurso profissional e ao fim de alguma chegada, sinto que cheguei na inteireza de minhas (in)certezas.

Muitas foram as conversas, reuniões e documentos produzidos e apresentados sobre a possibilidade e necessidade de agregar os professores e seus projetos na área de Humanas e em um instituto próprio. Eram pedagogos, sociólogos, pedagogos, filósofos que desenvolviam sua docência e seus projetos de pesquisa e de extensão de maneira isolada, muitas vezes apartadas da própria formação, numa sede e necessidade de manterem suas identidades profissionais de base.

E, por uma questão de necessidade de adequação da própria instituição às novas demandas que foram ao longo do tempo surgindo na esteira do Prouni e dos novos cursos, e, também pela imperiosidade de aportar fisicamente a área de Língua Portuguesa em um espaço próprio, criou-se o Centro de Educação.

O espaço conquistado e as perdas sentidas

Sim, apesar do aparente gesto de conceder espaço às Humanas, mesmo que restrito à área da Educação, o projeto e concretização de um Centro de Educação foi uma conquista. Uma conquista advinda de uma luta que se estabeleceu lá atrás, quando se começou a discutir, antes mesmo do Reuni, a questão da importância da formação pedagógica dos professores de engenharia.

Uma luta que foi se amplificando nos corredores, nos pequenos e quase invisíveis projetos de pesquisa, grupos de estudo, atividades de extensão. Foi uma conquista de todo um conjunto de pesquisadores de áreas afins à Pedagogia, como Sociologia, Filosofia e Línguas que se entrelaçavam numa necessidade permanente de serem reconhecidos e considerados na distribuição de verbas, nos espaços de tomadas de decisão e em diferentes modos de ensinar e avaliar, de se relacionar com os alunos, de se impor frente os cenários sócio-políticos.

Por anos e por diferentes razões, os subgrupos foram se constituindo por meio de editais que exigiam trabalho conjunto interdisciplinar. Por anos os egos foram se formando, as animosidades e os julgamentos prévios em relação a um ou outro docente delimitaram ambições, caracterizaram desavenças e até alguns boicotes.

Assim, havia, de forma nem sempre velada, as competições no interior mesmo da área de Humanas, numa universidade pequena, com um número restrito de professores e com um número também [ínfimo de projetos a serem disputados. O que disputávamos? Voz, espaço? Projeção, fama e cargo administrativo?
(18)

PISTA DE PROFESSORALIDADE- XVIII

□ A professoralidade, como construção permanente, se concretiza nas lutas diárias, na participação coletiva, no exercício do compartilhamento. É força advinda das vozes que se juntam, sonham e projetam.

Hoje, com um olhar distanciado do cotidiano de reuniões e apresentações do projeto de um Centro de Educação, sinto que os embates não eram contra um lugar para as Humanas, via Educação, na universidade. Era contra a possível coordenação que eu teria neste novo “lugar” institucional. Por que não me viam competente? Por que eu era muito combativa? Por que alguns não suportavam meu jeito de ser e de trabalhar? Por que simplesmente tinham ouvido falar algo que me desmerecia e não me apreciavam? Por que? Não sei.

Não vou me fazer de marte, não vou aqui também me desmerecer. Porque trabalhei, desde sempre, em equipe, coordenando grupos, propondo ideias e projetos, realizando um tanto, incansavelmente atenta às demandas do entorno, corajosamente enfrentando injustiças e desmandos.

Olho para traz e sinto meus olhos se encherem de lágrimas por carregar o peso de minhas posições e sei e sinto que faria tudo de novo do mesmo jeito. Ondas contrárias jamais me impediram de seguir em frente. Não queria poder (apesar de o ter por não me negar uma certa liderança que acontecia), apenas desejava uma universidade mais equilibrada entre as áreas de conhecimento.

Desejava coerência nas discussões, entrelaçamento de pensares, força nos projetos interdisciplinares. E, mesmo exercendo o papel de coordenação do projeto de Centro de Educação antes mesmo dele se materializar, conseguimos que fosse construído, inaugurado num espaço arrojado para os programas de educação inovadora. Surgiu a fórceps o Ceduc. Surgiu bonito, alargado em sua função de garantir formação continuada docente, tanto para a própria universidade quanto para a rede pública de ensino.

Surgiu e foi se constituindo dia a dia, a cada mesa ou cadeira que chegavam,

Surgiu em todo brilho de olhares de alunos que encontraram ali um lugar para estar, para estudar, para pesquisar, para ser.

Surgiu pelos livros que foram sendo doados e constituindo uma biblioteca tão especial e tão própria aos assuntos relacionados às Humanas.

Surgiu aos poucos, nas manhãs em que tantas vezes cheguei para fazer o café e nas noites em que esperava a última aula para fechar as portas, resguardar as janelas. (19)

PISTA DE PROFESSORALIDADE- XIX

□ A professoralidade como construção diária professoral, se forma e assume curvas teóricas e práticas pela perspectiva e olhar dos alunos/as. Se não há docência sem discência, é nos corpos e gestos, no aprendizado e no crescimento de cada aluno que a professoralidade se alimenta, se fortalece e tem sentido.

Exagerei? Exagerei. Exagerei nas horas todas em que trabalhei mais do que deveria. Exagerei na vontade que tudo desse certo, que o campus se orgulhasse de nós, na necessidade de envolver o grupo de professores.

Ali descobri que nem sempre o que a gente deseja é o que todos desejam. Ali descobri que os projetos individuais de cada professor deveriam vir antes do projeto coletivo e que o coletivo não significa o mesmo para todos. Mas, ainda penso que não há projeto individual sem um alicerce coletivo, sem uma vinculação com um projeto maior de educação.

Apreendi o sentido de se estar só e aprendi a identificar os gestos de desprezo, os olhares de indiferença. Apreendi a dor de não reconhecer mais o outro como parceiro na caminhada. Mas aprendi a força e a importância dos alunos como os mais profundos co-construtores de um espaço. Apreendi a apreender os jogos escusos, o que se concebia nas conversas alhures para impedir ajuda a algum colega, dificultar mudanças.

Aprendi a identificar o tempo que resta, o tempo que se deseja longe, afastado do que se construiu.

Aprendi a me despedir do que um dia me deu prazer, me permitiu sonhos. Calei-me e segui. Fechei os olhos e aos poucos, fui saindo de alguns sonhos meus e me percebi de longe, admirando aquele prédio inaugurando algo novo na paisagem do campus.

E fui embora levando a impressão de que estava indo em busca de relações verdadeiras, de afetos sinceros, de abraços ternos, de um espaço para além de competições onde não caiba o sorriso forçado, o gesto que fere, a palavra que não retorna.

Deixei para traz as lutas cotidianas e levei comigo a certeza de há ali um lugar para se fazer mais e melhor pela Educação. E que, de alguma forma, por mais que reneguem, há algum canto que se lembrará de mim.

E onde está a professoralidade em mim, agora?

Certamente, não serei mais uma produtora de artigos e projetos para o Lattes. Não preciso mais me impor frente a qualquer comissão de avaliação, nem me submeter aos desmandos de algum chefe. Não terei que fingir que não estou percebendo uma narrativa velando o real. Poderei escolher minhas horas, calcular e me deliciar com as leituras que tiver vontade.

Estarei entregue ao sol quando assim quiser e escrever sem ter que me preocupar com as referências ou as (in)coerências de meu próprio pensar. Aos poucos, assumo a pequenez de um par de anos dedicada à educação, frente a uma história enorme de descaminhos de alunos e professores frente ao conhecimentos. Poderei poetizar minhas experiências, registrando meus medos, minhas infinitas dúvidas, meus atalhos nem sempre bem sucedidos.

Tiro, todos os dias, a obrigação do salto alto e assumo agora o chinelo que me faz ir e vir nos espaços que vou redesenhando em meu viver.

Vou tentando me descotidianizar a fim de criar um outro cotidiano, feito de alguma professoralidade pregada em mim. Na forma de brincar com meu neto, na maneira de acarinhar minha mãe e de mimar meus filhos. Há imensidão de desvelamentos em mim.

Refaço diálogos, percorro projetos desenvolvidos e vou me despindo da necessidade de me embrenhar em disputas ou de buscar aprovação. Vou me despindo da vontade de saber o que se falou, o que se manejou, o que se revelou nas entranhas da academia.

Vou tomando distância dela, de suas artimanhas, dos seus fragmentos e de suas novas alianças e movimentos de reorganização.

Demorei 2 anos após a aposentadoria para me desfazer de minha docência naquela instituição. Foi uma despedida vagarosa e sutil.

Primeiro, deixei a disciplina que sempre se disse ter sido minhas, porque criada e ministrada por mim, por anos. Depois, encerrei as orientações de trabalho, guardando tantas e lindas lembranças de alunos e alunas que me fizeram aprender todo o tempo e me ampararam, sem saberem, em tantos momentos. Porque era na sala de aula, nos diálogos epistemológicos que meus pesares se tornavam leves, desimportantes.

Levo comigo uma gratidão eterna por estes/as estudantes que me fizeram pensar, questionar, descobrir e enlaçar saberes e fazeres docentes com a amorosidade plena vivida com eles/as.

Porém, há sim uma docência em mim que jamais me abandonará. Ela está nos pequenos gestos diários de conversar, de assistir um programa, de apreciar um filme ou comentar um livro. Há uma docência em mim na forma como ainda corrijo uma frase escrita ou um termo dito.

Há uma docência em mim quando me percebo ensinando alguém alguma coisa pequena. Há docência em mim que me acompanha e me faz lembrar a professora que me sustenta em minhas relações, em meus gestos, em meus sonhos.

A professoralidade que carrego e que me inspira me aponta a necessidade de escrever, de argumentar, de imprimir palavras que me ajudem a ordenar o mundo que eu sinto, que eu vejo, que eu temo e aquele que eu sonho.

É professoral a minha estante, repleta de livros e de pastas, de blocos de anotações, de presentes que ganhei de tantos alunos que tive. Ali estão os livros que escrevi e outros que tem algum capítulo do qual participei.

Algumas prateleiras abrigam marcadores misturados com caixinhas contendo palavras-chave que se transformavam em dinâmicas em salas de aula.

E há bilhetes, cartões e fotos de outros tantos queridos/as alunos/as parceiros de minha trajetória (20).

PISTA DE PROFESSORALIDADE- XX

□ Quando não mais está no exercício da docência, a professoralidade estará entranhada como segunda pele, em seus gestos e no seu modo de pensar, de ser e de agir.

Estou me reinventando e talvez isto seja o que sempre fazemos, exercendo ou não uma profissão. Reinvento-me para me reconhecer e me manter numa certa maneira de continuar sendo professora. Porque é segunda pele, é marca eternizada pelas lembranças, é território sem delimitação.

Há muito ainda a rever, a reconsiderar. Não há mágoa, há sim orgulho por ter sobrevivido a tantas lutas, a tantos embates e dificuldades. Há orgulho por saber que fui muito além do que desejei ir.

Há gratidão por tantas pessoas que conheci e admirei e tantas outras que me ampararam, entrelaçaram suas mãos às minhas mãos e me levaram adiante. E espero que eu tenha feito um pouco isto também a algumas pessoas, cuidando e amparando. Se, de alguma forma, meus alunos/as lembrarem de mim, de aulas que tivemos, de projetos realizados ou de momentos em que descobrimos juntos a boniteza da educação, sei que minha professoralidade estará preservada em mim. Avante!

Um esboço do que aprendi

Reportar-me à professoralidade que há em mim, significa traçar o caminho percorrido de aprendizados imensos, no prazer da descoberta e no desprazer dela também. Mas, faço aqui um esboço metafórico de uma parte do que aprendi por meio de um caminhar num parque. Imagino um parque aberto e sombreado por antigas árvores (como a própria longevidade da educação escolar), fazendo estradinhas de terra por onde pés e pneus de bicicleta podem passar.

Um bosque dividido por largas ruas também de terra, por onde pode-se caminhar junto com outros passantes. Há bancos de concreto confortáveis ao longo deste lugar de caminhada e lixeiras que preservam a limpeza de toda aquela beleza. Acima, o sol, azulando as nuvens e a lua, iluminando estrelas e sombras. Ali, pelos recantos, pelas pequeninas alamedas e pelos passos dados, foi meu lugar metafórico de aprender a ser e de me fazer professora.

□ As árvores, frondosas, presenteando o cansaço com sombras e encostos as pessoas que por ali buscavam descanso. Aprendi que a docência é acolhimento. Acolhe-se a insegurança do não-saber, o desconhecimento do outro, a sede de saber. Aprendi que a professoralidade se constrói a partir do reconhecimento do outro como outro, no desejo de aprender, na iminência de nos ensinar e nos surpreender.

□ Os bancos que oferecem descanso e reflexão, às vezes silêncio. Professoralidade supõe escuta, deixar que o outro fale, se expresse, se revigore com a própria reflexão. No encontro com o outro, a força do silêncio que precisa dizer para que os rumos sejam revistos, talvez voltando os passos ou acelerando-os no processo de aprendizagem. Bancos ajudam e suportam os pensares, como a avaliação contínua do processo exige também reflexão, parada obrigatória para assentar as dificuldades e iluminar possibilidades.

□ Os pequenos caminhos entre sombra e luz que nos permitem andar pelas árvores. Fazer-se na docência é um exercício de imprevisibilidade. Nem sempre o que se ensina é o que o outro aprende. De repente, o imprevisível nos surpreende, machuca o andar e é preciso parar um pouco, sentir a sombra para escolher outros atalhos.

Professoralidade se vincula a tomadas de decisão nem sempre claras, muitas vezes baseadas na experiência e menos na teoria. Então, o professorar que se constrói tem referência em vivências que precisam ser revistas continuamente para que a prática esteja consubstanciada pela teoria que a subjaz. Sombra e luz, como prática e teoria, não são contrários, mas complementam-se no cotidiano dos passos da docência.

□ Naquelas ruas, prontas para serem pisadas, há todo tipo de pessoas, indo e vindo, cruzando e atravessando os espaços. Assim como a professoralidade se ergue nos encontros entre pessoas que ensinam e aprendem, compartilhamento constante, generosidade de espaço conquistado e concedido.

Não há solidão na docência. Docência é profissão exercida com os tantos outros diferentes entre si que vão surgindo na caminhada. Nem bons nem maus, humanos, apenas. Sedentos de saber ou de admiração, desejantes de diálogo, de sorrisos, de ombros como amparos. E a professoralidade se mune deste reconhecimento das diferenças e da importância destas diferenças.

□ Há o momento em que você se percebe tendo que escolher entre continuar caminhando pela rua principal ou tomar um atalho para se aproximar mais da natureza ou para se permitir uma reflexão solitária.

Nesta construção da professoralidade, há momentos em que a tomada de decisão precisa ser feita e a docência requererá a responsabilidade pelas escolhas, o afastamento de uma situação para enxergá-la com mais nitidez, correndo riscos e assumindo falhas, aprofundando estudos, criando outros procedimentos e formas de ensinar.

□ Às vezes, as nuvens podem acinzentar o dia e os passos precisarão ser acelerados ou terá que buscar algum abrigo naquele parque.

Na professoralidade está também o desprazer, a frustração, o não-aprendizado ou o não-ensinamento. São os Inescapáveis que nos fortalecem, nos desafiam a novos e diferentes caminhos e aprendizados. Então, outras competências se desenvolvem.

Quando estiver próximo ao portão de saída daquele parque, você sairá, fortalecido pelo que aprendeu, fragilizado pelo que não conseguiu entender, mas levando consigo, o que dali ficou como experiência.

É quando a professoralidade, elaborada no cotidiano de árvores e bancos, atalhos e pés na terra, sairá com você, como vestimenta grudada à pele. Um modo e andar e de parar, de olhar e refletir que te acompanharão por outras paragens, por diferentes passagens.

Professoralidade que, ao ser desenraizada, seguirá enraizada junto aos seus passos.



